

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO (FESPSP)
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (FABCI)

JADE SALES NASCIMENTO

As mudanças na estrutura familiar na obra “ A Moratória”: do patriarcalismo ao
protagonismo feminino

São Paulo

2018

A obra “A Moratória”, escrita por Jorge Andrade, apresenta a história do personagem Joaquim que, tendo perdido sua fazenda de plantação de café, espera angustiado pela moratória. A peça tem como plano de fundo dois momentos históricos do Brasil: a crise de 1929, que teve como consequência a queda do valor café e a ascensão da industrialização do país a partir de 1930. A família de Joaquim também é destaque na obra: Lucília, a filha que mostra ser uma mulher forte e a frente do seu tempo; Helena, a mãe que representa o único papel que era dado às mulheres da época, a de dona de casa e cuidadora dos filhos; e Marcelo, o filho homem que não se ajusta ao padrão patriarcal, mimado pela mãe, e que se acomoda numa vida sem responsabilidades. A peça se apresenta em dois momentos sem ordem cronológica. O *primeiro plano* mostra a família pós-perda da fazenda e a sua mudança para a cidade, e o *segundo plano*, durante a crise do café e a queda do patriarcalismo. A família, na obra, segue o modelo tradicional de família da época. Joaquim é o patriarca, que controla e decide todos os assuntos referentes à família e aos negócios, tendo a esposa e os filhos submissos a ele. Com as mudanças que ocorrem na narrativa, essa estrutura familiar passa por transformações, dando lugar a um novo modelo de família. Apresentando as mudanças que ocorrem na estrutura familiar ao longo da peça, esse ensaio terá como base a literatura e a história do Brasil, que nos mostram como os modelos de família foram sendo transformados e construídos com o tempo.

No *segundo plano* da narrativa essa estrutura familiar pode, em primeiro momento, ser chamada de família patriarcal. Uma família patriarcal pode ser entendida como uma estrutura familiar extensa composta por cônjuge, filhos legítimos, parentes, agregados e escravos, tendo como figura central o patriarca – o pai, o chefe de família – responsável por cuidar dos negócios e honrar a família, que exerce autoridade sobre a mulher, filhos e demais dependentes sob sua influência (SAMARA, 2004). No Brasil, o modelo de família patriarcal foi sendo construído no período da colonização com a chegada das famílias portuguesas, trazendo referências da vida europeia. Para Samara (2004, p. 7)

A família brasileira seria o resultado da transplantação e adaptação da família portuguesa ao nosso ambiente colonial, tendo gerado um modelo com características patriarcais e tendências conservadoras em sua essência.

Esse modelo se forma, inicialmente, nas regiões rurais, onde o patriarca é proprietário de terras e responsável pelas unidades agrárias de produção – engenhos de açúcar, fazendas de criação ou plantação de café (CORRÊA, 1981).

No século XX, a família patriarcal como família extensa passa por um processo de transformação, dando lugar à família nuclear. Alves (2009 p. 7) explica que “este tipo de estrutura familiar difere da tradicional família patriarcal, pois é composta apenas pelo núcleo principal representado pelo chefe da família (pai), sua esposa e os seus descendentes legítimos”. Apesar da estrutura familiar ter se transformado, ainda era norteadada pelos padrões patriarcais, onde o poder e as decisões ainda estavam na figura do chefe de família. Kruczeveski e Mariano (2014, p. 6) chamam essa estrutura de família nuclear patriarcal e explicam que

Esta família, de característica patriarcal nuclear, tem como marca a superioridade hierárquica do pai de família que se posiciona no topo da pirâmide, seguido pela esposa e filhos que lhes devem obediência.

A diferença entre esses dois modelos é que se passou de uma estrutura familiar extensa para uma família com poucos membros, mas continuando o poder na figura do patriarca.

Na estrutura familiar patriarcal – e também na família nuclear patriarcal – colocava-se a mulher em posição de subordinação ao homem. À mulher cabia apenas o papel de esposa e mãe, que dedicava sua vida a cuidar dos filhos e da casa. Antes do casamento, a mulher era a filha solteira, que auxiliava sua mãe nos afazeres domésticos, não podendo estudar e sair de casa sem as devidas ordens. Seu futuro marido era escolhido pelo pai, que via no casamento da filha oportunidades econômicas, decidindo por escolher um homem com bens capitais (CAMACHO, 2009). No matrimônio, a mulher passava da “tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa no desempenho da função doméstica que lhes estava reservada” (SAMARA, 2004, p.14). Nas duas situações – como filha e esposa – a mulher era controlada pelo patriarca, que tinha o direito sobre sua vida, decidindo por seus gostos e desejos. Segundo Camacho (2009 p.13) “o homem possuía uma espécie de certificado de propriedade da mulher, que era tratada e vista como um negócio, uma coisa”.

A família, na narrativa da peça, pode ser definida como família nuclear patriarcal, pois é composta pelo núcleo principal: Joaquim, o pai, Helena, sua esposa, e seus filhos, Lucília e Marcelo. A família segue os padrões patriarcais, que com o autoritarismo de Joaquim, levam a vida entre o conservadorismo e a submissão. Em vários momentos do *segundo plano* fica evidente esse autoritarismo de Joaquim. No diálogo com Helena sobre a dívida da fazenda, expõe a divisão de tarefas e que somente ele pode decidir os negócios da família: “Helena! Eu ainda sei defender meus negócios. Chega! [...] sei o que faço. Cuide de seus afazeres que eu cuido dos meus”. Joaquim atribui à esposa apenas o papel de dona de casa, não dando liberdade para que opine nos assuntos. Em uma discussão com Marcelo e Helena sobre o casamento da filha, Joaquim manifesta seu poder sobre a família: “Na minha casa e na minha família, mando eu. Sei perfeitamente o que é direito ou não, sei também, o que serve para minha filha”. Por ser também um senhor de terras e ter grande poder financeiro, despreza os trabalhadores, demonstrando preconceito com as pessoas menos abastadas:

[...]

JOAQUIM - Chega de aprender costura.

HELENA - Ela ainda não acabou o curso de Dona Marta, Quim!

JOAQUIM (Com desprezo) Dona Marta! Uma costureirinha. Bastam algumas noções. A Lucília não vai ser costureira.

HELENA - É sempre bom fazer as coisas direito.

JOAQUIM - Agora estamos no assunto, quero dizer, já que não fui consultado na ocasião, que não aprovo esse contato de minha filha com costureirinhas. Sabe lá quem frequenta esses cursos! Gente de toda a espécie.

Esse patriarcalismo é exposto em muitas falas e atitudes de Joaquim, até o momento em que ele perde a fazenda e precisa aprender qual é o seu novo papel na sociedade.

A crise de 1929 atingiu drasticamente a economia cafeeira no Brasil, tendo grandes consequências para os donos de engenhos de café. Para enfrentar a crise, o governo investiu em novas políticas econômicas e de desenvolvimento. A partir de 1930, grandes avanços foram feitos no processo de industrialização do país (CANO, 2015). Muitas famílias que tiveram problemas financeiros ou que acabaram perdendo suas terras migraram para as cidades em busca de melhorias. Essas mudanças

contribuíram para as transformações da estrutura familiar brasileira. Segundo Almeida (1987 apud Alves, 2009, p.10)

As significativas mudanças que ocorreram na sociedade brasileira modificaram a estrutura da família. Sua transformação de sociedade rural, na qual predomina a família patriarcal [...], para uma sociedade de bases industriais, mesmo que incipientes, [...] acarretou transformações igualmente marcantes na estrutura do modelo tradicional de família.

E conforme explicam Kruczeveski e Mariano (2014, p. 8)

A família nuclear patriarcal começou a se quebrar a partir do momento em que a base material de substância não era mais a terra e a hereditariedade, pois no novo espaço de trabalho o que se leva em consideração é o indivíduo e não mais a família.

Com essas mudanças, a figura do chefe de família começou a perder força. Não conseguindo sustentar a família sozinho, os outros membros começaram a sair de casa para trabalhar. A industrialização fez aumentar a participação feminina no mercado de trabalho e as mulheres passaram a exercer funções remuneradas, contribuindo com a renda da família. Os setores informais e o trabalho domiciliar também tiveram uma grande importância como gerador de renda para essas mulheres (SAMARA, 2002). Em “A Moratória”, a crise de 1929 afeta diretamente os negócios de Joaquim. Com a queda dos valores das sacas de café, ele não consegue pagar a dívida que tem com o banco, levando sua fazenda à praça. A mudança da família para a cidade faz com que novos papéis sejam construídos. Pela idade avançada de Joaquim e por não saber fazer outro tipo de trabalho, os filhos tomam a responsabilidade e começam a trabalhar para sustentá-los. Essas transformações repentinas tiram o poder autoritário de Joaquim. Não sendo mais o dono dos negócios, perde a autoridade sobre a família e, conseqüentemente, perde também a tomada de decisões sobre ela. Apesar dessas mudanças, a família ainda contava com a figura de outro homem, o filho Marcelo, que pelos padrões patriarcais deveria ser o novo chefe de família, mas Marcelo não assume esse papel e, em decorrência da modernização e de um novo estilo de vida, ele representa a figura do filho que não quer assumir a responsabilidade da família. Essas responsabilidades são passadas para a irmã Lucília, que começa a trabalhar como costureira, tornando seu trabalho a renda da família.

No Brasil, com o crescimento industrial, aumentou-se a inserção das mulheres no mercado de trabalho e essa mudança trouxe uma nova posição para as mulheres na sociedade. Camacho (2009, p.21) aponta que “[...] a partir da década de 20, uma revolução de pensamentos e atos começou a acontecer a milhares de mulheres que começaram a se rebelar contra todas as formas de opressão dirigidas a elas e a lutar pelo seu espaço na sociedade do Brasil”. No início do século XX, o movimento feminista brasileiro começou a lutar por reformas jurídicas relativas ao status da mulher na sociedade, defendendo ideias liberais de igualdade dos sexos. (CAMACHO, 2009). A personagem Lucília representa essa nova mulher que assume sua independência e decide sobre sua própria vida. Sendo uma mulher forte, diz o que pensa, sempre questionando a autoridade do pai e seu papel como mulher na sociedade. Em algumas passagens da obra, a personagem torna-se mais dura e realista nas suas decisões, não aceitando a opinião machista dos seus familiares. Em um dos diálogos, Joaquim e Helena relembram da decisão da filha de se casar com Olímpio e são respondidos duramente

LUCÍLIA – [...]Quero que me deixem viver a meu modo.

HELENA - O Olímpio não pode esperar a vida inteira.

LUCÍLIA - Nunca pedi a ele que me esperasse. Não vou casar com um moço só porque cuida dos negócios de meu pai.

JOAQUIM - Você gostava dele.

LUCÍLIA - Não gosto mais.

Em uma conversa com a mãe sobre o emprego de Marcelo, Lucília mostra-se fria ao sentimentalismo materno

[...]

LUCÍLIA - Só quero ver até quando vai durar esse entusiasmo.

HELENA - Agora ele está satisfeito com o trabalho.

LUCÍLIA - Das outras vezes também ele dizia o mesmo.

HELENA - Os primeiros empregos foram muito ruins, minha filha.

LUCÍLIA - Quando a gente precisa, qualquer emprego serve. Não eram piores do que esta máquina.

HELENA - Ele não estava acostumado a trabalhar para os outros.

LUCÍLIA - Nem eu.

HELENA - Para o homem é mais difícil enfrentar determinadas situações. Estão mais em contato com o mundo, têm mais necessidade, do que nós, de certas coisas!

LUCÍLIA - Devia ter um pouco mais de amor-próprio.

Lucília também rebate a opinião do pai quando tenta dramatizar o trabalho de Marcelo no frigorífico, e recebe uma crítica

JOAQUIM (Olha fixamente para Lucília) - Não sei o que está acontecendo com você, minha filha!

LUCÍLIA - Comigo?

JOAQUIM - É

LUCÍLIA (Empertiga-se) - O que há comigo?

JOAQUIM - Parece que está ficando dura, intolerante!

Esses diálogos mostram uma mulher a qual a sociedade não estava acostumada. Uma mulher com opinião própria, e sabendo do seu valor como mulher, não deixava que controlassem sua vida e inferiorizassem seu trabalho. A partir do momento que Lucília começa a costurar para sustentar a família, sendo a única responsável financeiramente, ela assume, indiretamente, o papel de chefe de família.

Portanto, percebe-se que as transformações numa estrutura familiar ocorrem com as mudanças de uma sociedade e com o ambiente no qual ela vive. Na obra analisada, a família passa de uma estrutura familiar fundamentada no patriarcalismo para uma estrutura onde não há uma hierarquia. A mulher assume o papel antes de domínio somente do homem, se tornando protagonista da família. A etimologia da palavra família, que se origina do termo latim FAMULUS, é um conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor, que entre os dependentes inclui a esposa e os filhos (PRADO, 1985). Partindo desse significado, o termo família traz, intrinsecamente, uma alusão ao homem como chefe de família. Mesmo hoje, a sociedade, considerando inúmeros modelos de família, e muitas reconhecidas pelo Código Civil, ainda, inconscientemente, espera que o homem seja a figura central para ser aceita. Era preciso que surgisse outro termo que representasse esses inúmeros modelos familiares, onde muitas não têm a figura do homem e são as mulheres que comandam como chefes da família. Um termo que representasse o verdadeiro significado de uma família: união, amor, respeito e igualdade!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Roosenberg Rodrigues. Família patriarcal e nuclear: conceito, características e transformações. In: II SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 2., 2009, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: UCG, 2009. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- CAMACHO, Samanta Ruiz da Silva. **A mulher e o casamento no brasil:** da submissão e humilhação do século XX a igualdade e respeito do século XXI. 2009. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito)–Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33771-44077-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- CANO, Wilson. Crise e industrialização no Brasil entre 1929 e 1954: a reconstrução do Estado Nacional e a política nacional de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 444-460, set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v35n3/1809-4538-rep-35-03-00444.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 37, p. 5-16, maio 1981. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1590/1580>>. Acesso em: 14 abr. 2018.
- ANDRADE, Jorge. **A moratória**. São Paulo: Agir, 1987. (Teatro Moderno)
- KRUCZEVESKI, Lais Regina; MARIANO, Silvana Aparecida. Família nuclear patriarcal: breves notas sobre a (re)construção da teoria social e os estudos feministas. In: III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2014, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_Lais%20Regina%20Kruczeveski%20e%20Silvana%20Mariano.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- SAMARA, Eni de Mesquita. O que mudou na família brasileira?: da colônia à atualidade . **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 27-48, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/psicousp/article/view/53500/57500>>. Acesso em: 14 abr. 2018.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004.